

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

3 e 10 de Dezembro de 2025

Maybe It's Love / 1930

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Joseph Jackson, a partir das histórias originais "Footloose Widows" e "Maybe It's Love" de Mark Canfield [Darryl F. Zanuck] *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco; 1,1:37): Robert Kurrle *Som* (Vitaphone): Bernard Brown *Montagem:* Edward McDermott *Consultor técnico:* Russell Saunders *Direcção musical:* Erno Rapee *Direcção de orquestra Vitaphone:* Louis Silvers *Guarda-roupa:* Earl Luick *Canções:* "Maybe It's Love", "All American" de Sidney Mitchell, Archie Gettler, George W. Meyer, cantadas por Joan Bennett, James Hall *Tema:* "Precious Little Thing" (Mitchell, Gettler, Meyer) *Caracterização:* Perc Westmore *Interpretação:* Joan Bennett (Nan Sheffield), Joe E. Brown (Speed Hanson), James Hall (Tommy Nelson / Tommy Smith), Laura Lee (Bety), Sumner Getchell (Whiskers), George Irving (Presidente Sheffield), George Bickell (Professor), Anders Randolph (Sr. Nelson), Stuart Erwin (Brown of Harvard), Toni Hanlon (Tony), Fred Lee, Harry Strathy, Donald MacKenzie e a All-American Football Team, William A. Wellman (voz do comentador do jogo).

Produção: Warner Brothers, Vitaphone (EUA, 1930) *Produtor:* Hal B. Wallis *Produtor executivo:* Darryl F. Zanuck *Direcção de produção:* William Koenig *Estreia Mundial:* 17 de Outubro de 1930, Strand, Nova Iorque *Inédito comercialmente em Portugal* *Títulos de trabalho:* "Freshman Love", "Precious", "Precious Little Thing" *Título televisivo:* "Eleven Men and a Gift" *Primeira apresentação na Cinemateca* *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português, 74 minutos.

E ao vigésimo primeiro título, William A. Wellman filmou a equipa de futebol americana. Talvez seja de acrescentar que numa história protagonizada por Joan Bennett, uma muito jovem, loura, luminosa, endiabrada Joan Bennett, praticamente a única mulher no elenco carregado de actores e desportistas masculinos. É à volta da luminosidade dela que tudo gira, não obstante o filme ter sido pensado para fazer brilhar Joe E. Brown, que se tornaria um dos mais populares actores dos anos 1930 e 40 em Hollywood, e aqui encarna o papel de Speed Hanson. Bennett, que se estreara na Broadway em 1928, aos dezoito anos, tornava-se uma estrela de Hollywood, desde, pelo menos, os *all talkie* BULLDOGG DRUMMOND e DISRAELLI realizados por F. Richard Jones e Alfred E. Green (1929), e se bem que 1932 seja o seu primeiro grande ano, com SHE WANTED A MILLIONAIRE e ME AND MY GAL, duas produções Fox realizadas por John G. Blystone e Raoul Walsh, em que emparelhou com Spencer Tracy, é já aqui uma revelação. MAYBE IT'S LOVE é uma comédia romântica com futebol e canções centrada numa equipa estudantil empenhada em salvar a própria escola, o que requer recrutar jogadores capazes de vencer um jogo decisivo contra a equipa universitária rival, já que o único bom futebolista da equipa "da casa" é a personagem de Brown. Eis a missão que Joan Bennett toma como sua.

Na história da história há a notar que se trata da primeira produção Warner de Wellman e um dos vinte filmes que realizou entre 1930 e 1934 (!)... tem sido notado nas "folhas" que seguem "O Trilho do Gato", a fertilidade fílmica do cineasta, altamente exuberante na década de 1930. Relevo ao primeiro ponto: sob contrato com a Fox, Wellman é realizador desse estúdio em 1923-1924 (de THE MAN I WON a THE CIRCUS COWBOY), variou com a Columbia (WHEN HUSBANDS FLIRT, 1925) e com a MGM (THE BOOB, 1926) antes de assentar arraiais na Famous Players-Lasky/Paramount por vários filmes, entre 1926 e 1930, de CAT'S PAJAMAS, uma comédia muda dada como perdida a esta data, a YOUNG EAGLES, indicado como o último título de uma trilogia da Primeira Guerra formada com WINGS e THE LEGION OF THE CONDEMNED (1928, também perdido a esta data), e revisitada no final LAFAYETTE ESCADRILLE (1958). MAYBE IT'S LOVE foi o filme seguinte a YOUNG EAGLES, fazendo suceder a uma obra de inspiração pessoal um projecto de encomenda. Foi, em certo sentido, a primeira encomenda, pouco talhada ao entusiasmo de Wellman. O projecto era caro a Darryl F. Zanuck, o produtor que foi também co-autor da história sob o pseudónimo de Mark Canfield e contratou os membros da All-American Football Team de 1929

para duplos e jogadores. Num relato próximo de Wellman, “até à sua partida da Warner em 1933, Zanuck foi responsável pela maioria das decisões de produção”. Tanto Frank T. Thompson como William Wellman, Jr. são severos com o resultado, considerando que se trata da obra mais trivial e anódina de todas ou, pelo menos, das que Wellman realizou para a Warner entre 1930 e 1934. Seja como for, granjeou muita popularidade na época, não é contraditório.

Alguma razão há na fama comezinha do filme, embora, logo de chofre surja o gosto de seguir a personagem de Joan Bennett entre futebolistas, no seu único encontro com Wellman. É em vistas largas, sobre o campo e os movimentos dos jogadores em campo, depois na saída do estádio, que a intriga começa antes de se concentrar no gabinete em que Nan Sheffield (Bennett), a filha do presidente da universidade de Upton, cujo lugar está em risco, mostra a sua miopia atrás de óculos de redondos aros escuros. Em dupla coreografada com a personagem do “bobo”, concentra-se em urdir uma boa ideia e é logo aí que a sua graça suscita sorrisos, ao jogar o *sex appeal* em mímica com o companheiro de rábula, um pensador à imagem de Rodin e um cómico por natureza. Desencadeando a narrativa, que passa pela capacidade de recrutamento da equipa pela rapariga por via fotográfica (sem óculos), essa primeira rábula dá lugar a uma outra, das mais divertidas de *MAYBE IT’S LOVE*, quando um urso, ou melhor, dois ursos, entram em cena, com e sem mel entre troncos, galhos e copas de árvores. Outra ainda no lago, semicantada (*Maybe it’s love*, canta Bennett), na qual a canoa em que a rapariga segue vira e deixa encharcados os dois amorosos tripulantes, ela de vestido colado ao corpo como só num filme pré-Código podia acontecer – aliás, a personagem é uma personagem pré-Código, com a sua teima, o seu despudor, a malandrice, a disponibilidade. O melhor *gag* está, porém, reservado para o desfecho feliz, uma vez ultrapassadas, a custo, e a murro, as dificuldades que levam todos os atletas que se comprometem com a equipa a troco de fotografias autografadas da jovem beldade, ao quarto dela, na expectativa da sequência lógica. Logro ultrapassado, o jogo decorre a contento, com o pai do futebolista-mor, o protagonista Speed, fechado à chave num compartimento-cave para que não estrague o jogo, que aparentemente desdenha desagradado com a aptidão futebolística do filho. Até que tudo se resolva, os planos do jogo e dos adeptos, fervorosos e conquistados, nas bancadas, na cave, à janela da cave, compõem uma óptima sequência de suspense cómico. E tudo acaba em bem, com uma última fotografia autografada para uma última gargalhada.

São várias, nos filmes de Wellman, as cenas em que uma fotografia, ou várias fotografias, assumem uma posição central na narrativa e concomitantemente no plano. Seja a fotografia de escola da protagonista interpretada por Barbara Stanwyck em *SO BIG!*, seja a fotografia trocada que leva outra personagem da actriz para os campos em *PURCHASE PRICE*, sejam as fotografias das noivas e noivos do faroeste que motivam a travessia de *WESTWARD THE WOMEN* ou as fotografias-postal dos aviões em *Technicolor de MEN’S WINGS* – entre outros casos – trata-se de um elemento diegético ou dramático privilegiado, não mero adereço. Em *MAYBE IT’S LOVE*, a multiplicação das fotografias de rosto tipo cartão-de-visita de Nan, e a sua disposição em naípe tal como o movimento de câmara que as fixa ou por elas desliza, são um belo achado, motivo do trunfo cómico e da composição dos planos em que, sempre, os filmes de Wellman dão cartas.

Note-se ainda uma sequência “de assinatura”, a do expressivo movimento de câmara dianteiro com que Wellman, com o director de fotografia Robert Kurrle, atravessa o centro do enquadramento e uma fonte de repuxo na direcção do casal protagonista para recuar, no sentido inverso, enquanto as personagens de Bennett e Hall se escondem num beijo atrás de um pilar. Como o movimento de câmara com profundidade de campo experimentado na sequência do balouço em *THE BOOB* que se torna magistral em voo planado pelas mesas do bar de *WINGS* rumo ao muito grande plano da taça de champanhe de Charles Buddy Rogers, num dos momentos de cinema mais etéreos, e espumantes, de sempre. No repuxo de *MAYBE IT’S LOVE* vem à ideia, por antecipação, a fonte do escuro, escuro *CAT PEOPLE* filmado uns doze anos depois por Jacques Tourneur.

Ao futebol, Wellman regressou três anos depois, em *COLLEGE COACH*, teve de ser. Já não lhe emprestou a voz, como aqui, em que o ouvimos comentar o jogo de futebol.

Maria João Madeira